

O culto como adoração: uma Perspectiva de Ellen G. White

Daniel Plenc

Durante seu ministério, a abordagem de Ellen White sobre o culto enfatizou a função da religião prática na vida. Embora não tenha deixado de dar ênfase a assuntos tais como reverência, oração, pregação, música e canto, seus escritos revelam uma base fundamental de culto na teologia bíblica – em assuntos tais como a função central de Deus, a resposta humana a Deus, a salvação como uma experiência real e feliz, a igreja como uma comunidade de louvor e o futuro como a última esperança do cristão.

Adoração: Deus como tudo em todos

Ellen White afirma que Deus merece ser adorado pelas qualidades de Seu caráter e pelo seu trabalho criador e redentor. O culto deve começar com um claro e próximo relacionamento com Deus. “Quando formos capazes de compreender o caráter de Deus como Moisés, também nós nos daremos pressa em curvar-nos em adoração e louvor.”¹

Entre os diferentes atributos divinos, Ellen White menciona justiça, perfeição, majestade, conhecimento, presença, bondade, força, compaixão, santidade e amor como razões para a adoração e reverência. Grandes atos de Deus tais como a criação, sustento, revelação e redenção são também poderosas razões. Ela escreve: “O dever de adorar a Deus se baseia no fato de que Ele é o Criador, e que a Ele todos os outros seres devem a existência.”²

Ellen White oferece um delicado equilíbrio entre a transcendência e a imanência e assim encoraja reverência e ordem bem como comunhão e alegria. Ela reconhece que a adoração está relacionada a três pessoas divinas e afirma que o verdadeiro culto são “os frutos da operação do Espírito Santo”.³

Adoração: resposta humana a Deus

Ellen White também entendia a adoração como a resposta dos seres humanos a Deus. Esta resposta em primeiro lugar reconhece Deus como digno de todo culto prestado pelos seres criados. Sem Ele, não somos nada. Tudo que somos e tudo que fazemos deve vir sob o arco imperativo de quem é Deus e o que Ele espera de nós. Diante dEle, devemos nos colocar em reverência, respeito, humildade, agradecimento, obediência e alegria. Cada resposta criativa e emocional que define o que os seres humanos são torna-se assunto para Ele. Portanto, ela adverte: “Os seguidores de Cristo hoje devem guardar-se da tendência de perder o espírito de reverência e piedoso temor.”⁴

Embora sejamos pequenos e pecaminosos perante a majestosa presença de Deus, somos chamados a adorá-Lo como crianças – corajosamente e “com júbilo”.⁵ Nós deveríamos considerar “ser uma honra adorar o Senhor e tomar parte em Sua obra”.⁶

Alegria e coragem são parte da natureza integrada do culto. Ellen White define esta integração como um fator que exige que adoremos a Deus com o que somos e temos – nosso corpo, pensamentos, emoções e bens. A adoração deve tornar-se um estilo de vida: “Deus desejava que toda a vida de Seu povo fosse uma vida de louvor.”⁷

Adoração: uma alegre experiência de salvação

De todas as coisas, a experiência que deve nos contagiar efusivamente em uma incontida adoração é a alegria da salvação. Ellen White diz: “Todo coração que é iluminado pela graça de Deus é compelido à reverência com inexpressável gratidão e adoração na presença do Redentor por Seu infinito sacrifício.”⁸ Juntamente com a obra realizada na cruz, o trabalho intercessório de Cristo no santuário celestial invoca gratidão e adoração a Deus. “Sua perfeita justiça, que pela fé é atribuída ao Seu povo e que unicamente pode tornar aceitável a Deus o culto de seres pecadores.”⁹

Desde que a adoração é uma viva experiência de salvação, Ellen White enfatiza a verdadeira adoração como um serviço de amor, gratidão e obediência. “Sem a obediência a Seus mandamentos nenhum culto pode ser agradável a Deus.”¹⁰ Portanto, o sábado impõe seu valor como um dia de lembrança e adoração.

Adoração: a igreja reunida em culto

Ellen White cria que a adoração e o culto são importantes nas reuniões públicas de fé. Ela descreve os momentos de culto como “períodos sagrados e preciosos”.¹¹

Então, ela continuamente enfatiza a reverência e a ordem na adoração, evitando qualquer espécie de confusão. Ela escreve: “Devem existir aí regulamentos quanto ao tempo, lugar e maneira de adorar. Nada do que é sagrado, nada do que está ligado à adoração a Deus, deve ser tratado com negligência ou indiferença.”¹² Sua visão de culto incluía dignidade e serenidade, evitando os extremos do formalismo e fanatismo. Ela apreciava a reverência e admoestava contra barulho, gritos, expressões fanáticas e excitações. “A obra de Deus sempre se caracteriza pela calma e dignidade”¹³, e assim deveria ser nosso culto a Ele.

Assim deve ser o momento quando os santos adoram seu Criador. Ellen White estava sempre consciente do verdadeiro espírito de adoração. “Não nos é possível acentuar demais os males de um culto formal”, ela escreveu, “mas não há palavras capazes de descrever devidamente as profundas bênçãos do culto genuíno.”¹⁴ Os encontros de adoração, então, deveriam ser espirituais, atrativos e fraternais. “Nossas reuniões devem ser

intensivamente interessantes. Deve imperar ali a própria atmosfera do Céu.”¹⁵ A participação é importante. “A pregação nas reuniões de sábado em geral deve ser breve, dando-se oportunidade aos que amam a Deus para exprimir sua gratidão e adoração.”¹⁶

Adoração: celebrando o futuro como a esperança do cristão

Ellen White designou a adoração como tendo destacável posição nos eventos finais. Ela viu um tempo de prova, mas também um tempo melhor de louvor e adoração para a igreja. Afirmou também que a experiência de adoração será projetada através da eternidade. Ensinou que a adoração ao Criador foi a raiz do conflito cósmico entre o bem e o mal que começou no céu. Foi a oposição de Lúcifer ao Filho sendo honrado com toda a adoração, exatamente como o Pai foi, que começou o conflito no Céu. Este conflito é a raiz do pecado na Terra. A descrição de Ellen White dos estágios finais na Grande Controvérsia está centralizada em quem receberá nossa adoração. Cristo ou Satanás? Entre a vida eterna e a destruição eterna para a resposta à última pergunta.

Daniel Oscar Plenc (Ph.D., Universidade Adventista del Plata) é diretor do Centro de Pesquisa Ellen G. White e leciona na Faculdade de Teologia na Universidade Adventista del Plata, Argentina. E-mail: ciwdirec@uapar.edu

Notas e referências

Todos os textos citados são de Ellen G. White.

1. *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*. 4. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994. p. 30.
2. *O Grande Conflito*. 42. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004. p. 436.
3. *O Desejado de Todas as Nações*. 19. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira. 1995. p. 189.
4. *Profetas e Reis*. 8. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996. p. 48.
5. *The Upward Look*. Washington, D.C.: Review and Herald Publ. Assn., 1982. p. 38.
6. *Caminho a Cristo*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira. 2003. p. 103.
7. *Christ's Object Lessons*. Washington, D.C.: Review and Herald Publ. Assn., 1941. p. 299.
8. *In Heavenly Places*. Washington, D.C.: Review and Herald Publ. Assn., 1967. p. 14.

9. *Patriarcas e Profetas*. 16. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p. 353.

10. *O Grande Conflito*. 42. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004. p. 436.

11. *Testemunhos para a Igreja*. v. 5. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira. 2004. p. 607.

12. *Ibid.* p. 491.

13. *Mensagens Escolhidas*. 4. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000. v. 2. p. 42.

14. *Obreiros Evangélicos*. 5. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira. 1993. p. 357.

15. *Testemunhos para a Igreja*. v. 5. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004. p. 609.

16. *Testemunhos para a Igreja*. v. 6. 1 ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira. 2005. p. 361.